



ALFABETIZANDO ATRAVÉS DO MÉTODO FÔNICO

Gabriella Tocchio dos Santos¹
Maria Cecilia Martínez Amaro Freitas²

RESUMO: O presente trabalho analisa a metodologia de alfabetização através do método fônico. Para tanto, inicialmente trata-se dos métodos de alfabetização, logo evidencia-se o método fônico de alfabetização e sua aplicação e finalmente, verificam-se as potencialidades e fragilidades que o método fônico apresenta. O método fônico vem sendo apresentado pelos seus defensores como a solução para eliminar do Brasil a dificuldade de ensino aprendizagem da leitura e da escrita, corrigindo os problemas na alfabetização. Compreendemos que a alfabetização não se restringe à aplicação de um único método, como garantia de aprendizagem, nem como fase inicial de escolarização. Portanto, toda forma de encaminhar o trabalho pedagógico para alfabetização associa-se à uma concepção de linguagem. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica e aplicação de questionário, esta pesquisa irá apresentar elementos que possibilitem identificar qual a concepção de linguagem que embasa a orientação do método fônico para a alfabetização. A partir daí, discutiu-se como as relações entre prática pedagógica, metodológica e concepção de linguagem, condicionam as relações sociais estabelecidas na escola, nos processos de ensino e de aprendizagem. O estudo destacou a eficácia do método e sua implementação, ou seja, como fazer uso desse método em sala de aula, apresentando-se como mais uma proposta significativa para o trabalho do professor.

Palavras-chave: Método fônico, alfabetização, leitura e escrita.

INTRODUÇÃO

O Brasil, apesar das políticas públicas implementadas ao longo dos anos, ainda apresenta um grande índice de analfabetos. Capovilla (2004) relata que, apesar dos investimentos anunciados pelo Estado na área da educação, no final de 2000, os resultados de Sistema de Avaliação do Ensino Básico do MEC (Saeb) revelaram que os níveis de desempenho dos alunos de quintos e nonos anos do Ensino Fundamental e terceiro ano do Ensino Médio continuam em forte e sistemática tendência de queda. Dessa forma, considera-se relevante compreender as origens desse desempenho que encontram fortes elementos no processo de alfabetização, no método que se utiliza para alfabetizar.

Atualmente tem se discutido bastante sobre o método fônico, foco do presente estudo. Autores como Capovilla (2004), Adams (2007) e Sebra e Dias (2011), explicitam como o método fônico pode contribuir na alfabetização e trazem uma série de reflexões acerca de seu funcionamento e como o professor alfabetizador poderia utilizá-lo de forma

¹ Acadêmica graduanda do curso de Pedagogia da UniEVANGÉLICA; 2020-1

² Mestre em Linguística Aplicada. Professora do ISE/UniEVANGÉLICA, Orientadora da Pesquisa



a auxiliar a criança nesse processo despertando a consciência fonológica. Os autores procuram mostrar como a questão da dificuldade em leitura e escrita pode se reverter na educação básica e dar a volta por cima se adotar o método fônico que, além de restaurar à criança o direito à aprendizagem competente, propicia o prazer das descobertas e ela produz com maior consciência fonêmica.

O presente trabalho visa explicar, de forma sucinta e com embasamento teórico de artigos científicos, o processo de alfabetização através do método fônico. Inicialmente discorre-se a respeito dos métodos utilizados para a alfabetização, bem como podem ser aplicados, logo enfatiza-se o método fônico, suas origens e características e, finalmente, discutem-se as potencialidades e fragilidades sobre o método fônico, apoiados em uma pesquisa qualitativa com docentes alfabetizadores.

A metodologia utilizada para o estudo pautou-se em uma pesquisa bibliográfica enriquecida como questionário aplicado a 10 professoras que atuam na alfabetização em escolas públicas e privadas do município de Anápolis no primeiro semestre de 2020.

OS MÉTODOS DE ALFABETIZAÇÃO

Para alcançar a alfabetização de uma criança, é necessário que o professor lance mão de método(s) que possam auxiliá-lo como condutor do processo de aprendizagem, assim ele segue caminhos, toma decisões que conduzem a aquisição da leitura e da escrita. Para tanto, ele pode se utilizar de métodos considerados tradicionais ou não tradicionais para nortear suas ações.

Na atualidade, tem-se confundido muito as diversas finalidades dos métodos de alfabetização. Para se dar início ao processo de alfabetização, é necessário que se parta de um ponto inicial referente que servirá de eixo norteador (SEBRA; DIAS, 2011). Os métodos de alfabetização são desenvolvidos de acordo com as necessidades sociais, pois com a evolução de cada época, demandas diferentes vão surgindo.

Entende-se por método o conjunto de procedimentos, regras e operações previamente fixados que permitem chegar à determinada meta, fim ou conhecimento. Também significa um conjunto de ações que um indivíduo realiza de forma mais ou menos estruturada na realização de uma tarefa (PELLEGRINI, 2007).

Em meados do século XVI, na época dos jesuítas e do período colonial, ocorrem no Brasil os primeiros registros sobre a educação e, conseqüentemente sobre a alfabetização. As primeiras tentativas de organização da educação no país coincidiram



com os movimentos pela formação da República, e esse período foi marcado pela implantação dos primeiros métodos de alfabetização tendo como base abordagens sintéticas (FARIA, 2009 apud PAIVA, 2001).

A segunda fase da alfabetização no Brasil começou por volta do século XIX na cidade de São Paulo, os professores defendiam a importância da pedagogia e dos métodos analíticos. Essa nova visão dos professores provocou uma disputa entre os apreciadores das abordagens mais tradicionais que seriam as sintéticas (MENDONÇA, 2011).

A terceira fase se deu no século XX, nesse período os professores começaram a recusar os métodos analíticos, que no período da segunda fase eram obrigatórios. Nessa época surgiram os métodos mistos e os testes ABC para verificar o desempenho dos estudantes (FARIA, 2009).

O século XX foi marcado por inúmeras transformações na educação brasileira, as instituições de ensino tiveram acesso a estudiosos do Brasil e do mundo que mostraram um novo olhar sobre a maneira de aprender. Com essas transformações surge uma linha de pensamento que consistia em considerar a construção do conhecimento, em que a educação foi estimulada a criar métodos que proporcionem o ensino do aprender a aprender (DUARTE, 2000).

Através do tempo percebe-se que diferentes métodos foram e ainda são utilizados no processo de alfabetização, como é o caso dos métodos sintéticos e analíticos (FERNANDES, et al. 2017). Em relação aos métodos analíticos, observa-se que partem de uma proposta macro em que as palavras, frases ou textos são o foco principal, já nos métodos sintéticos, os procedimentos se dão de um elemento menor para que o indivíduo alcance elementos maiores. Além desses métodos, tradicionalmente conhecidos, há também outros avaliados como não tradicionais, como por exemplo, o método multissensorial, nele são explícitas modalidades sensoriais como a tátil, a cenestésica e a fonoarticulatória para desenvolver a escrita da criança (SEBRA; DIAS, 2011)

Entretanto, há algum tempo no Brasil, uma teoria ganhou a preferência nas escolas, a construtivista. Embora não seja nova ainda suscita dúvidas em sua aplicação. Da forma como é conhecida no Brasil, o construtivismo surgiu a partir dos estudos da psicolinguista argentina Emília Ferreiro sobre a obra de Jean Piaget. Essa teoria começou a ser empregada no país a partir do século XX, de acordo com Mortatti (2010).



A partir de meados de 1980, no país, ocorreram propostas de pesquisadores brasileiros como João Wanderley Geraldi e Ana Luiza Smolka, e com as propostas dos pesquisadores brasileiros Mary Kato, Leda Tfouni, Ângela Kleiman e Magda Soares.

Essa linha pedagógica entende que o aprendizado se dá em conjunto entre professor e aluno, ou seja, o professor é um mediador do conhecimento que os alunos já têm em busca de novos conhecimentos criando condições para que o aluno vivencie situações e atividades interativas, nas quais ele próprio vai construir os saberes. Nessa perspectiva, a alfabetização propicia aos indivíduos a construção dos seus próprios conhecimentos conforme seu desenvolvimento cognitivo. A proposta do ensino construtivista oferece ao aluno participação ativa de seu aprendizado, nela é valorizada a concepção inatista da criança, com a proposta de fazer com que a língua falada se complete com a escrita e a leitura através de um único processo. Com base nesses preceitos, a criança desenvolverá seu próprio conhecimento se tornando um aluno mais consciente e responsável (MORTATTI, 2006).

A partir do exposto, é importante compreender que cada método contém suas especificidades.

Os métodos sintéticos, conforme mencionado, começam o processo de ensino a partir de elementos de unidades sonoras ou gráficas, são eles: Método Alfabético ou Soletração, Método Fônico Ou Fonético, Método Silábico.

- Método alfabético ou soletração – considerado o mais antigo dos métodos, propõe que a criança venha a aprender o nome das letras e reconhecê-las fora de ordem alfabética e consiga identificá-las a partir da soletração. Esse método funciona com estratégias de soletração com intuito que a criança associe a letra com a representação visual e o som produzido. Por exemplo, a palavra casa soletra-se **c, a, ca, s, a, sa, casa**. As vantagens que esse método proporciona são para a relação entre os sinais gráficos e os sons, esse método utiliza cartilhas ou apostilas e recebe críticas devido à memorização e à repetição dos exercícios, além de não aproveitar a bagagem anterior de cada criança (RANGEL, et al, 2017).
- O método fônico ou fonético, parte da relação direta entre fonemas e grafemas. Ele parte inicialmente dos sons mais simples para os mais complexos, começa pelas vogais, depois são inseridas as consoantes e, por último, se formam as sílabas seguidas das palavras. Esse método funciona com as apresentações de palavras, em seguida uma imagem e logo após o som. O método determina relações diretas entre a escrita e



a fala, o que possibilita maior desenvoltura para codificação e decodificação de textos. O que pode apresentar dificuldades, é que uma letra pode representar diferentes sons, porém quando a consciência fonológica é desenvolvida, o indivíduo não terá dificuldades no processo de ensino aprendizagem de alfabetização (CAPOVILLA, et al. 2004).

- O método silábico, indica que a sílaba é a principal unidade linguística, por que quando usado na prática, só se pronuncia uma consoante junto de uma vogal, aqui a criança aprende primeiro as famílias de sílabas para, depois, compreender as palavras, da mais simples até a mais complexa. Esse método se baseia em cartilhas que apresentam as famílias silábicas, e aos poucos são introduzidos pequenos textos. O método permite a fácil identificação do som por que ao se falar, são pronunciadas sílabas, não necessitando de decifrar cada elemento da palavra. O risco apresentado por este método é a aprendizagem de forma mecânica (VALENTE; MARTINS, 2004).

Os métodos analíticos postulam a leitura como um ato global e audiovisual, trabalha-se a partir de unidades completas de linguagem para depois dividi-la em partes menores. Eles podem ser classificados em: Palavração, Sentenciação e Método Global.

- O Método de Palavração, consiste em uma unidade linguística que reconhece que a palavra deve ser considerada graficamente sem a necessidade e decomposição em sílabas, letras, fonemas e grafemas. A principal característica desse método são estratégias analíticas-sintéticas, em que são atribuídas atividades de memorização de palavras. O possível risco que esse método pode apresentar é prejudicar no reconhecimento de novas palavras (SANTOS, 2016).

- O Método de Sentenciação é uma unidade mais completa, a diferença desse método em relação ao silábico é que as palavras não são decompostas obrigatoriamente no início do processo, são apreendidas globalmente e por reconhecimento. A escolha de palavras também não obedece ao princípio do mais fácil ao mais difícil. São apresentadas independentemente de suas regularidades ortográficas. O importante é que tenham significado para os alunos. Ele funciona com frases produzidas e anexadas em sala de aula para que possam consultar diariamente. A vantagem adquirida com esse método é a aprendizagem do significado dos textos, porém isso pode prejudicar o entendimento de textos novos (AZEVEDO, 1955).

- O Método Global trabalha a memorização e o entendimento do que é lido, somente depois é feita a análise das sentenças. Esse método é associado por muitos estudiosos a contos, que vai do entendimento da história a análise comparativa das



palavras, sua vantagem é possibilitar o contato com o texto desde o início da alfabetização, no entanto, parte da língua escrita pode ser enfraquecida (RANGEL, et al, 2017).

A linha construtivista, uma das mais utilizadas hoje na alfabetização no Brasil, segue os métodos analíticos. Há quem a reconheça como método de alfabetização que considera a linguagem verbal que a criança traz antes do ingresso escolar, valorizando seus conhecimentos pré-existentes, o imaginário e a fantasia, um equilíbrio, a construção de algo novo. Através dele incentiva-se a criança a expressar o que sente, e a escrever e falar o que pensa, procura despertar a curiosidade, levar a busca de soluções de seus problemas, estimulando-a a ser crítica e capaz de arcar com seus próprios atos (MORTATTI, 2006).

Por todos os métodos apresentados, compreende-se que alfabetizar é uma prática complexa, processual e dinâmica. É o processo em que os professores procuram dar mais atenção durante o período de educação inicial, através do desenvolvimento das atividades que envolvem o aprendizado do alfabeto e dos números, a coordenação motora e a formação de palavras, sílabas e pequenas frases. Para facilitar o processo de ensino aprendizagem na alfabetização, foram evidenciados vários métodos.

Entretanto, questões referentes a problemas relacionados à alfabetização ainda são uma constante, bem como a discussão da eficácia dos métodos aplicados para realizá-la. Mortatti (2006) aponta que nas duas últimas décadas, o método fônico tem estado muito em voga para se alfabetizar, e vários estudos cientificamente comprovados retratam como ele pode desenvolver maior aptidão para leitura e escrita. Entretanto, ele não é o único.

Diante do exposto, observa-se que o docente pode lançar mão de diferentes métodos para alfabetizar e que suas crenças no que entende por ensino e aprendizagem, afetam diretamente a escolha ou as escolhas que se utiliza para desenvolver a habilidade da leitura e escrita.

O MÉTODO FÔNICO

No Brasil, desde o início do governo do presidente Jair Bolsonaro, uma das questões discutidas na área da educação é a forma ideal para alfabetizar as crianças, se é que ela existe, visto que o país tem obtido baixos índices nas avaliações de leitura e escrita, como no Programa Internacional de Avaliação de Alunos - PISA. Assim o



decreto nº 9.765, de 11 de abril de 2019 institui a Política Nacional de Alfabetização (planalto.gov.br).

Antes desse decreto ser assinado, discussões públicas sobre políticas de alfabetização já vinham sendo realizadas; a questão em pauta, referia-se aos métodos global e fônico (comissão de Educação e Cultura, 2003). Em 2011, além da alfabetização, a aprendizagem infantil também era tema discussão, mas somente em 2019 essa discussão veio a se efetivar.

Sobre o método fônico, é importante compreender um pouco de seu percurso. Segundo Vagones (1980), seus precursores surgiram no século XVI, em que foram realizadas algumas tentativas de descrição dos sons, distinguindo-os das letras, assim como a apresentação de um sistema articulatorio coerente de vogais e consoantes, nos trabalhos do inglês John Hart e nos do dinamarquês Jakob Madsen Aarhus, demonstram um avanço nos estudos dos sons.

Em 1997, o Congresso Internacional de Alfabetização dos Estados Unidos, determinou-se que fosse feita uma meta-análise para avaliar os resultados de mais de 100 mil estudos experimentais conduzidos sobre a eficácia de diferentes métodos de alfabetização. Tal esforço concentrado de pesquisa deu destaque ao método fônico e levou o país, após o evento, a estabelecer oficialmente o método fônico para a alfabetização (CAPOVILLA, 2004).

Constata-se que muitos estudos já apresentaram a eficácia e eficiência do método, Sebra AG e Dias (2011) destacam um estudo, como os de Chall e Bond e Dykstra, que destacam os programas de alfabetização baseados em instruções fônicas superiores aos globais, levando a melhores desempenhos em reconhecimento de palavras, escrita e vocabulário.

Através das pesquisas e resultados apresentados, pode-se deduzir que o método fônico propicia às crianças muita capacidade no âmbito de aprender a ler e escrever, isso mostra que dentre os demais métodos de aplicação para alfabetização a metodologia fônica se destaca, sem retirar a importância dos demais.

No Brasil, o método surgiu como uma crítica ao método da soletração ou método alfabético, já usado no país. Ao alfabetizar com o método fônico, primeiro ensinam-se os sons de cada letra e então se constrói a mistura destes sons em conjunto para alcançar a pronúncia completa da palavra, permitindo dessa forma que se consiga ler toda e qualquer palavra, despertando assim a consciência fonêmica (VAGONES, 1980).



A proposta do método fônico se integra no conjunto de métodos sintéticos, ele se baseia em dois princípios importantes que propõe: ensinar o estudante para que a criança desenvolva as habilidades necessárias para dominar a leitura e a escrita, e incluir atividades de consciência fonológica, como síntese e segmentação de fonemas, e o ensino dos sons das letras (SEBRA; DIAS, 2011).

A dificuldade, porém, é uma aliada que existe em qualquer ação que seja nova ou diferente, no entanto, o método fônico tem se mostrado mais manipulável sempre dando ênfase à consciência fonológica. Atividades associadas a ligação entre letras e sons tem surtido maior efeito no desenvolvimento da leitura e da escrita de estudantes que mostram dificuldade no ensino regular (SEBRA; DIAS, 2011).

Segundo Sebra AG e Dias (2011) alguns princípios derivados da abordagem de processamento de informação da Psicologia Cognitiva dão sustentação ao método fônico. São eles

- Não se sustenta a noção de que a linguagem escrita apresenta uma continuidade em relação a outras formas de representação, como o jogo simbólico e as imagens mentais, conforme proposto por outras abordagens, como a epistemologia genética de Piaget¹⁶;
- Logo, um ensino específico deve ocorrer para que a criança desenvolva as habilidades necessárias para dominar a leitura e a escrita, incluindo atividades de consciência fonológica, como síntese e segmentação de fonemas, e o ensino dos sons das letras;
- Para o ensino dos sons das letras, pode-se começar pelas vogais e pelas consoantes cujos sons podem ser pronunciados isoladamente, como /f/, /j/, /l/, /m/, /n/, /s/, /v/, /x/, /z/¹⁷;
- Deve haver um ensino dirigido das palavras: inicialmente devem ser ensinadas as palavras com ortografias regulares, posteriormente com ortografias reguladas pela Sebra AG & Dias NM Rev. Psicopedagogia 2011; 28(87): 306-20 312 posição (mesa, em que o “s” intervocálico soa como /z/) e somente então as palavras com ortografias irregulares (por exemplo, flecha ou xale para irregularidade de ch/x; jeito ou gente para irregularidade de g/j). Isto porque o ensino de palavras irregulares logo no início da alfabetização pode confundir o aprendiz, impedindo-o de desenvolver consistentemente a noção de correspondência entre letras e sons¹³. Somente após essa noção estar estruturada, as irregularidades devem ser introduzidas;
- Os exercícios de coordenação motora são importantes. Eles auxiliam o aluno a adquirir as formas ortográficas das letras¹³. Isto permitirá, posteriormente, que o aluno apresente uma caligrafia mais adequada e, principalmente, ajudará na consolidação mental das formas das letras, o que permitirá a escrita mais automática e a identificação mais fácil das letras durante a leitura. (SEBRA; DIAS, 2011, p.311-312)

De acordo com seus defensores, como Capovilla (2004), o método fônico se faz eficaz por que ele é introduzido de forma gradual, em que o nível de dificuldade é levado em conta e os conteúdos são inseridos de forma gradual, à medida em que a criança



adquire habilidade para decodificação grafofonêmica instruindo a mesma para aquisição de uma consciência fonológica produtiva. Para a construção da consciência fonológica a criança precisa ter entendimento que os sons das letras são precisamente os mesmos das falas. Mas para essa construção, fonológica é necessário um processo composto por detalhes para compreender a dificuldade da criança nessa construção (ADAMS, 2007).

O fonema é um som articulado com a língua, que articula e combina com os sons e as sílabas, as palavras e a frase, desta forma Adams et al (2007) afirmam que:

[...] a consciência de que a língua é composta desses pequenos sons se chama *consciência fonêmica*. As pesquisas indicam que, sem o apoio de uma instrução direta, a consciência fonêmica escapa a cerca de 25% dos estudantes de primeira série do ensino fundamental de classe média e a uma quantidade consideravelmente maior daqueles com origens menos ricas em termos de letramento. (ADAMS, 2007, p.19)

Para uma eficaz consciência fonológica, é preciso que as crianças notem os fonemas, saibam de sua existência, e tenham a facilidade de separá-los. Existem muitas atividades para o desenvolvimento destes aspectos, porém se não houver um objetivo a se alcançar, as atividades que podem ser usadas para ajudar a desenvolver a consciência fonológicas serão em vão (ADAMS, 2007).

Considerando os aspectos de eficácia de se trabalhar a consciência fonológica, existe também dificuldades que Adams et al, (2007), apresentam:

Parte da dificuldade de desenvolver a consciência fonêmica é que, de uma palavra a outra e de um falante a outro, o som de um determinado fone pode variar consideravelmente. Esses tipos de variações na forma falada que não indica uma diferença de significado de chamadas de alofones de um fonema. (ADAMS et al, 2007, p.22).

Percebe-se que o aspecto acima ressaltado pode ser um fator significativamente dificultante na alfabetização, entretanto, o método fônico vem com a proposta de trabalhar atendendo às dificuldades de leitura e escrita do indivíduo. Assim sendo, embora o método fônico, atualmente, seja o defendido pelo governo, compreende-se que não se faz necessário que seja utilizado somente um método para se alfabetizar, é preciso levar em conta que cada indivíduo possui suas particularidades e uma maneira específica de adquirir conhecimentos.



POTENCIALIDADES E FRAGILIDADES DO MÉTODO FÔNICO

Para compreender as potencialidades e fragilidades do método fônico que os profissionais da educação encontram na aplicação deste em sala de aula, realizou-se uma pesquisa com dez professoras que atuam ou já atuaram na alfabetização, sendo 5 pertencentes a escolas públicas do ensino municipal de Anápolis e 5 de diferentes escolas privadas. A coleta de dados com os referidos professores foi realizada por meio de questionários abertos através do Google Forms.

Sobre o perfil de experiência profissional, 70% dos pesquisados relataram que já atuam há mais de 3 anos na alfabetização nos 1º e 2º ciclo, os outros 30% trabalha exatamente há 1 ano. Grande parte deles, 90% afirmaram utilizar o método fônico para alfabetizar seus alunos, a maioria há mais de 5 anos, uma profissional há 17 anos e, somente 10% relatou não utilizá-lo em momento algum.

Além do método fônico de alfabetização, 9 entre os 10 entrevistados, afirmaram utilizar outros métodos juntamente com o fônico no processo de alfabetização, dentre eles estão: o letramento, metodologias ativas, método alfabético ou de soletração, silábico e global, uma professora somente não utiliza o método fônico para alfabetizar fazendo uso somente do silábico e global. Essa atitude demonstrada pelos professores de lançar mão de diferentes métodos para alfabetizar corrobora com a fala de Fernandes e Santos (2008) que destacam:

Aprender a ler e escrever deve ser avaliado por diferentes ângulos, encarando-se métodos e propostas de ensino num sentido multissensorial, recorrendo a diversos métodos, variações a serem, mesmo, inventadas, se preciso, para alcançar o êxito do aluno, que é único, dentro de sua dificuldade. Torna-se um grande desafio estruturar experiências que sejam provocativas para a ocorrência de mudanças. (FERNANDES; SANTOS, 2008, p.44)

Assim, ressalta-se a relevância do alfabetizador saber lidar com diferentes métodos para atender as necessidades e especificidades de seus alunos.

Quando questionados sobre o que determina o método a ser utilizado para a alfabetização de seus alunos, 40% das entrevistadas declararam que o que determina qual método será utilizado em sala de aula é a forma como os alunos se adaptam ao método, a necessidade do estudante e como eles irão assimilar o conhecimento sem se confundir. 15% seguem o método adotado pela escola, 25% colocou que utiliza aquele que alcança com eficácia as individualidades de cada aluno; 20% segue as orientações estabelecidas pela Secretaria de Educação com observação por parte do professor de qual método pode ser usado como suporte.



Diante do exposto observa-se que são variados os motivos que levam um professor a escolher o método de alfabetização. Bach et al (2013) afirmam que, diante dessas opções, cabe ao professor escolher aquele que melhor atenderá as necessidades de seus alunos e contribua para o sucesso do processo de alfabetização.

Ao abordar sobre alunos que chegam advindos de um processo de alfabetização que não seja o fônico, foi perguntado sobre quais diferenças perceptíveis no desempenho oral e escrito que se pode relatar. Nove participantes responderam que a maior dificuldade apresentada é na leitura e escrita, foi ressaltado que as crianças alfabetizadas pelo método fônico tendem a ter mais segurança e autonomia na fala e escrita, apenas uma professora respondeu que não recebe criança advindas de outros métodos. A afirmação da maioria dos professores evidencia o que Capovilla (2000) afirma sobre o método fônico como sendo o mais indicado para sanar atrasos ou dificuldades de leitura e escrita, contribuindo para prevenir e remediar o fracasso na alfabetização, evidentemente sem desconsiderar a necessidade de uso de outros métodos.

Sobre a eficácia do método fônico, 8 professores responderam que acreditam que ele é um método eficaz porque ele diferencia com clareza os sons das letras do alfabeto e posteriormente os sons das sílabas, facilitando a leitura de outras palavras mais complexas, frases e então textos. Uma professora respondeu que acredita parcialmente, pois acredita que é possível utilizar diferentes variedades de métodos, respeitando o ritmo de aprendizado de cada criança, e uma respondeu que acredita na eficácia pois é uma diferente tecnologia que está sendo aplicada. Sebra e Dias (2011), afirmam que a alfabetização, quando associadas ao ensino das correspondências entre letras e sons, as instruções de consciência fonológica têm efeito ainda maior sobre a aquisição de leitura e escrita. O autor reitera que o método fônico é um procedimento bastante eficaz para a alfabetização de crianças com e sem distúrbios de leitura e escrita.

Como potencialidades do método fônico os participantes apontaram que os alunos aprendem a distinguir de forma clara os sons silábicos, possibilita o estudante a iniciar do micro para o macro, é uma excelente opção para alguns casos de dificuldades de aprendizagem na leitura e escrita e favorece ao estudante assimilar primeiro as partes das letras das palavras, para depois chegar ao todo: frases e texto, melhorando assim a aptidão para leitura e escrita através do conhecimento grafema-fonema. De acordo com Soares (2000), as muitas facetas são consideradas essenciais para a aprendizagem e a



consciência fonológica está sendo muito utilizada atualmente. Esse método relaciona os fonemas-grafemas, influenciando muito no desenvolvimento da leitura e escrita considerando que ela seja muito eficaz.

Sobre as fragilidades que o método pode apresentar, foram citadas as variações da língua portuguesa, pelo fato da nossa língua ter letras que apresentam o mesmo som, afirmam que os alfabetizando têm dificuldades para reconhecer palavras novas, já que defendem a memorização, e a falta de material nas redes públicas. De todos os participantes, apenas um não apontou nenhuma fragilidade, pois alega que quando utiliza o método com seus alunos ele se faz muito eficaz, acredita que a fragilidade está na aplicação do método devido à falta de conhecimento necessário, e por achar que somente ele, professor, é quem alfabetiza.

Diante do exposto, constata-se, como Sebra e Dias (2011) afirmam, que as maiores fragilidades do método estão associadas a ligação entre letras e sons dificultando o desenvolvimento da leitura e da escrita de estudantes que mostram dificuldade no ensino regular.

Atualmente o governo vem se pronunciando com a proposta da aplicação e utilização do método fônico para alfabetizar, em relação a isso foi perguntado aos participantes como eles avaliam esse posicionamento. Eles afirmaram que o método é muito válido e o consideram um grande passo para a alfabetização, pois a Política Nacional de Alfabetização privilegia a decodificação de letras e segmentos de sons nas palavras, o que também é colocado pela Base Nacional Comum Curricular, a qual não recomenda uma metodologia específica ao método fônico para o ensino da leitura e da escrita, embora alguns conceitos sejam bastante alinhados ao método fônico, como trabalhar a consciência fonológica.

De acordo com a pesquisa apresentada, e comparando os métodos de alfabetização, concentrados principalmente nos procedimentos do método fônico, as investigações têm demonstrado a superioridade do método fônico, especialmente por que, como foi relatado pelos participantes, os alunos que passam pelo método fônico costumam apresentar pronúncia correta das palavras, bem como maior facilidade para ler palavras extensas e de maior complexidade, fato que comprova que ensinar correspondências grafofonêmica e metafonológicas desenvolve a consciência fonológica e auxilia muito na aquisição de leitura e escrita.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi analisar como ocorre a metodologia de alfabetização através do método fônico e sua aplicação e eficácia.

Percebeu-se que há um extenso debate a respeito dos métodos utilizados para a alfabetização, bem como são aplicados. Embora, identifiquem-se diversos métodos, depreende-se que quando há fracasso na alfabetização escolar, isso não pode ser resumido simplesmente ao método, mas, entre outros aspectos, a aplicabilidade que o profissional faz dele(s).

Compreende-se que o método em questão, quando bem utilizado, contribui para que as crianças sejam alfabetizadas em menos tempo e em condições mais igualitárias, oferecendo possibilidades de aprender, decifrar o código alfabético, estimulando a consciência fonológica. Assim o aluno torna-se capaz de ler e escrever qualquer palavra, decodificando fonemas e grafemas.

Entretanto, entende-se que para que a alfabetização no país possa apresentar um melhor alcance, não basta o Estado indicar o método mais adequado que as escolas devem utilizar, é necessário capacitar os professores e dar-lhes a estrutura necessária para que possam desenvolver seu trabalho. O método fônico apresenta-se como uma boa escolha, mas não a única a ser utilizada, cabe ao docente, que é quem conhece mais de perto os educandos, suas necessidades e possibilidades, o ato de escolher o(s) método(s) que melhor se aplique a cada situação.

REFERÊNCIAS

ADAMS, Marilyn Jager et al. **Consciência Fonológica em Crianças Pequenas**. 1. ed. Porto Alegre: Editora: Artmed, 2007. Cap.1.

BACH, Andréa Aparecida Bernardo Santos; RODRIGUES, Mariana Pedroso; FLORES, Mônica Medeiros. **Produção escrita das crianças**: um estudo de caso na escola de educação básica. V SIMFOP SIMPÓSIO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES– Unisul, 2013. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/SIMFOP-05-2013-Resumos.pdf>. Acesso: 22 mar. 2020.

CAPOVILLA, Alessandra G.S.; CAPOVILLA, Fernando C. Efeitos do treino de consciência fonológica em crianças com baixo nível sócio-econômico. **Psicologia: reflexão e crítica**, v. 13, n. 1, p. 07-24, 2000. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-79722000000100003>. Acesso 10 abril 2020.

CAPOVILLA, Alessandra Gotuzo Seabra et al. **Alfabetização**: método fônico. São Paulo: Memnon, 2004. Disponível em: <https://tinyurl.com/y5oydgec>. Acesso em: 21. Set. 2019.



RANGEL, Franciele de Azevedo; SOUZA, Emmily Cristina Firmino de; SILVA, Ana Carla de Azevedo. Métodos tradicionais de alfabetização no Brasil: processo sintético e processo analítico. **Revista Includere**, v. 3, n. 1, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufersa.edu.br/index.php/includere/article/view/7427>. Acesso em: 13 maio 2020.

AZEVEDO, Marcionilla Loureiro Costa. Métodos ou processos de alfabetização. **Arquivos Brasileiros de Psicotécnica**, v. 7, n. 1, p. 47-49, 1955. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/abpt/article/view/13652/12553>. Acesso em: 15 jun. 2020.

FARIA, Marcos Roberto de. **A educação jesuítica e os conflitos de uma missão**: um estudo sobre o lugar do jesuíta na sociedade colonial (1580-1640). 2009. 314 f. 2009. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em Educação: História, Política, Sociedade) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_bra=165820. Acesso: 25 abr. 2020.

Decreto nº 9.765, de 11 de abril de 2019, **Política Nacional de Alfabetização**. Disponível em: planalto.gov.br. Acesso: 13.out.2019

DUARTE, Newton et al. **Vigotski e o "aprender a aprender"**: crítica às apropriações neoliberais e pós-modernas da teoria vigotskiana. Campinas: Editora Autores Associados, 2001.

FERNANDES, Carmen Cleide Alves et al. **Desafios da Alfabetização**: uma reconsideração sobre as práticas pedagógicas. Universidade Federal de Campina Grande, p. 1-52, 2017. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/bitstream/riufcg/5143/1/CARMEM%20CLEIDE%20ALVES%20FERNANDES.%20TCC.%20LICENIATURA%20EM%20PEDAGOGIA.2017.pdf>. Acesso: 14 maio 2020.

FERNANDES, Rosely Aparecida; DOS SANTOS PENNA, James. Contribuições da psicopedagogia na alfabetização dos disléxicos. **Revista Terceiro Setor & Gestão-UNG-Ser**, v. 2, n. 1, p. 29-49, 2008. Disponível em: <http://revistas.ung.br/index.php/3setor/article/view/400>. Acesso: 15 mar.2020.

MENDONÇA, Onaide Schwartz. Percurso histórico dos métodos de alfabetização. Caderno de formação: formação de professores didática dos conteúdos. São Paulo. **Cultura Acadêmica**. v. 2, p. 23-35, 2011. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40137/1/01d16t02.pdf>. Acesso em jun.2020.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **História dos métodos de alfabetização no Brasil**. Conferência proferida durante o Seminário "Alfabetização e letramento em debate", promovido pelo Departamento de Políticas de Educação Infantil e Ensino Fundamental da Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação, realizado em Brasília. Promovido pelo Departamento de Políticas de Educação Infantil e Ensino



Fundamental da Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação, realizado em Brasília, em 27. 04. 2006. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/alf_mortattihisttextalfbbr.pdf. Acesso: 25 jun.2020.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. Alfabetização no Brasil: conjecturas sobre as relações entre políticas públicas e seus sujeitos privados. **Revista Brasileira de Educação**, v. 15, n. 44, p. 329-341, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/v15n44/v15n44a09.pdf>. Acesso: 25 fev. 2020.

PELLEGRINI, Tânia. Realismo: postura e método. **Letras de hoje**. v. 42, n. 4, p. 137-155, 2007. Disponível em: [file:///C:/Users/User/Downloads/4119-Texto%20do%20artigo-13097-1-10-20080916%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/User/Downloads/4119-Texto%20do%20artigo-13097-1-10-20080916%20(1).pdf). Acesso: 25 mar.2020.

SANTOS, Sílvia Caroline. **Análise de métodos de alfabetização em séries iniciais**. Universidade Federal de Goiás. p.1-19, 2016. Disponível em: <http://repositorio.bc.ufg.br/bitstream/ri/11255/1/TCCG%20-%20Letras%20-%20Silvia%20Caroline%20dos%20Santos.pdf>. Acesso: 24 fev. 2020.

SEBRA, Alessandra Gotuzo; DIAS, Natália Martins. Métodos de alfabetização: delimitação de procedimentos e considerações para uma prática eficaz. **Revista Psicopedagogia**, v. 28, n. 87, p. 306-320, 2011. Disponível em: <https://tinyurl.com/y44bsu7y>. Acesso: 30. Set. 2019

SOARES, Magda. **Letramento e alfabetização**: as muitas facetas. 2000. Disponível em: <https://tinyurl.com/y4hs9dsz>. Acesso em: 01 Set 2019.

VAGONES, Elvira Wanda. A fonética e seus precursores. **ALFA: Revista de Linguística**. v. 24, 1980. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3621>. Acesso: 25 jan. 2020.

VALENTE, Fátima; ALVES MARTINS, Margarida. Competências metalinguísticas e aprendizagem da leitura em duas turmas do 1.º ano de escolaridade com métodos de ensino diferentes. **Análise Psicológica**, v. 22, n. 1, p. 193-212, 2004. Disponível em: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82312004000100018. Acesso: 20 abr. 2020.